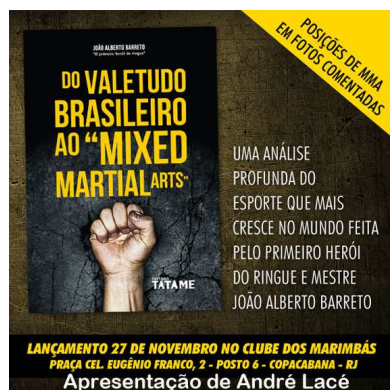


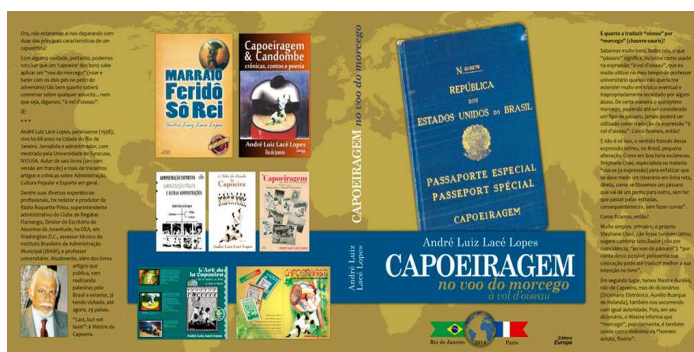
JOÃO ALBERTO BARRETO

O PRIMEIRO “HERÓI DO RINGUE”

Prefácio de André Luiz Lacé Lopes *
para o livro
“DO VALETUDO BRASILEIRO AO “MIXED MARTIAL ARTS”
da autoria de João Alberto Barreto
Leblon, Rio - Abril, 2012.



Prefácio André Lacé Pág. 19 - 2013



Prefácio de André Lacé para o livro “Do Valetudo ao “Mixed Martial Arts”, de João Alberto Barreto. Transcrição - pág. 221. Rio, 2014. Também em versão francesa e italiana.

O não menos mestre Álvaro Barreto, décadas atrás me apresentou a seu irmão João Alberto. Amizade que foi logo aprovada e consolidada pelas respectivas esposas, que passaram a ser testemunhas pacientes e bem-humoradas de conversas sem fim sobre artes marciais.

Ao longo de algumas décadas tivemos a oportunidade de conhecer quase toda a Família Barreto, irmãos, filhos e alguns dos extraordinários amigos do casal João Alberto e Clara Júlia Pinto Barreto. Experiência extremamente gratificante a sinalizar que um Prefácio desses deveria começar por aí, pela Saga da Família João Alberto Barreto.

Deveria realmente, mas, embora justa estratégia, resultaria em apresentação quilométrica. Resolvi, portanto, optar por entrar logo no ringue, digo, no Prefácio propriamente dito. Tenho certeza absoluta de que, mais adiante, um filme contemplará essa Saga com a grandeza que ela merece.

Vamos, pois, a este novo livro do advogado, psicólogo e *campeoníssimo* praticante de jiu-jitsu e **Valetudo**, o grande mestre João Alberto Barreto. Obra preciosa, não apenas pelo seu conteúdo *pugilístico*, mas, também, pela mensagem que traz de tenacidade, bom caráter, disciplina e generosidade. Com boa dose, inclusive, de empreendedorismo.

O livro tem como público-alvo, obviamente, o Mundo das Lutas. Em todos seus segmentos, do atleta-lutador iniciante ao veterano, passando pelos treinadores, pesquisadores ou simples admiradores do esporte-luta. Mas será também lido por outros públicos, especialmente os relacionados com a Psicologia, Administração, Sociologia e Comunicação. Afinal, não sem motivo, desportistas, sobretudo veteranos do pugilismo, estão começando a brilhar fazendo palestras em empresas.

O foco maior do livro, porém, é a evolução das técnicas das artes marciais, especialmente o jiu-jitsu e o **Valetudo** (hoje, mundialmente conhecido e consagrado com a grife “MMA”). Foco singular, pois consegue congrega ensinamentos práticos, úteis para o lutador que está entrando no ringue, com reflexões acadêmicas, pertinentes, voltadas, sobretudo para aspectos psicológicos.

Tivesse eu que pinçar algum trecho, sem pestanejar, citaria as reflexões e aconselhamentos sobre a “evolução” do Jiu-jitsu e do **Valetudo** (MMA...), muitas vezes não passando de “Involução”. Bastando citar, como exemplo dessa falsa evolução, a atual queda de importância para as “finalizações” habilidosas, que estão sendo substituídas por mera “troca de sopapos” e pontapés (com todo o respeito a nossa Capoeiragem que tem subsidiado o treinamento de bons lutadores). Tendência ditada, em grande parte, ditada pelo óbvio interesse comercial televisivo, mas que, flagrantemente, está empobrecendo o nobre esporte-luta. Tanto assim que já se nota a proliferação de eventos similares ao UFC, com lutadores e gerenciamentos medíocres. Ou seja, estão saturando o mercado com confrontos de segunda classe, onde o que predomina é a troca de socos, tipo briga de rua, sem grandes técnicas.

Acredita João Alberto, e modestamente eu também, que está na hora de repensar todo esse fascinante “boom” do **Valetudo**.

Como diria um velho e sábio administrador: “Se deu certo, está obsoleto!”.

De maneira menos ufanista, o mesmo administrador sempre alertava: “as empresa que morrem, começam a morrer dez anos antes”. Afirmação quase ultrajante se aplicada ao momento atual do Valetudo, esplendoroso especialmente depois de liberado para a chamada “TV Aberta”. Ocorre que, como sempre acontece, aumentando a visibilidade, aumenta também a chance de aparecimento de opositores, críticos ferrenhos de tais “espetáculos sangrentos”. O que já está acontecendo com vozes respeitáveis, verdadeiros formadores de opinião, levantando-se contra esse “surto de selvageria”. E nem vou mencionar opositores suspeitos, que também estão se levantando, não por convicção ideológica, mas por briga de índices televisivos ou em algum outro campo comercial.

Urge mais bem definir estratégia, técnicas e táticas de treinamento, urge repensar os critérios de julgamento técnico das lutas. Urge, também, melhor entendimento sobre a missão de uma confederação brasileira desportiva, especialmente quando ocorre existir para uma determinada modalidade esportiva, não apenas uma, mas várias. E por que não? A lei assim estabelece, diria eu, até com sabedoria, pois pretende estar estimulando concorrência saudável. Tomando, como exemplo, o caso específico das inúmeras confederações de Valetudo, mesmo sabendo que a maioria ainda não saiu do papel, tudo que cada uma terá que fazer será trabalhar bem, com eficácia, com gerenciamento exemplar. O que, data vênha, poucas confederações sabem fazer. Nesse particular, as “ligas” regionais, “federações” estaduais e “confederações” nacionais de Capoeira lembram muito o quadro gerencial atual do Valetudo. Ambas as modalidades afirmam, com toda razão, que fazem sucesso em todo planeta; com base nessa realidade correm para os cofres públicos.

Claro, os governos podem e devem contribuir para potencializar ainda mais esse sucesso, tanto no mundo da capoeira, quanto no mundo do Valetudo (MMA), mas sem paternalismo e cobrando resultados à altura. O que não é nada fácil, haja vista para a mais antiga e absolutamente consagrada organização do futebol. Exemplo oportuno, pois estamos às vésperas de grandes eventos mundiais, onde o Governo inicialmente assegurou que tudo ou, pelo menos, grande parte, seria bancada pelo empresariado, e, o que se vê (ou, o que não se vê)? Ora, se tais eventos sabidamente resultam em milhões de lucros, por quê e para que tanto dinheiro público?

As confederações brasileiras de Valetudo, portanto, devem contar com bons gerentes, a que tiver o melhor, será a melhor confederação, conseguirá os melhores patrocínios (empresariado), promoverá os melhores eventos e desenvolverá os melhores projetos, inclusive no que tange à padronização inteligente, adequada das regras para competições de Valetudo.

Dependendo dos critérios que predominarem o lutador e o técnico terão que, pragmaticamente, ajustar os treinamentos. Assim como a **Fórmula Um** funciona como laboratório de aprimoramentos dos carros, os confrontos marciais devem funcionar

como laboratórios de aprimoramento da arte de combater. Prevalecendo critérios alheios a esse objetivo básico, os lutadores terão que combater conforme o “regulamento” estabelecido. O que pode resultar em espetáculo até mais festivo e cheio de valentia, mas, de pouco conteúdo *pugilístico*.

Sobre tudo isso, e muito mais, versa o presente livro que, entendo eu, começou a ser escrito em 1950, quando, ainda com 15 anos, ligeiramente sem jeito, João Alberto atendeu ao pedido do seu pai para tirar a camisa e mostrar o físico, nada mais, nada menos, para o Mestre Carlos Gracie. História que bem merecia ser contada por inteiro, mas, no momento, bastará dizer que, por cortesia ou por faro de campeão, Carlos Gracie convidou o João para treinar jiu-jítsu. Em pouco tempo, à medida que demonstrava surpreendente facilidade, talento e valentia para o combate, o igualmente brilhante mestre Hélio Gracie também por ele se interessou, nascendo, então, amizade sólida e produtiva entre esses dois grandes guerreiros: Hélio, então na plenitude, e João, começando a brilhar.

Em pouco tempo, João Alberto Barreto não apenas acumulava muitas vitórias, como também já começava a dar aulas na Academia Gracie, onde os alunos, até hoje, lhe devotam profundo respeito e estima.

Mais algum tempo e João consagrava-se como campeão de **Valetudo**.

Valetudo brasileiro, nascido, sem dúvida alguma, do **Jiu-jitsu brasileiro dos Gracie**, em função dos inúmeros confrontos, no Rio de Janeiro e pelo Brasil afora, com lutadores de outras modalidades de lutas.

Valendo registrar, por mais do que oportuno, a **visão-ação** do Mestre Hélio Gracie ao contratar o grande treinador de boxe Santa Rosa (José Santa Rosa Lopes), para dar aulas ao João Alberto. Extraordinário pragmatismo, extraordinária visão do futuro.

O programa “**Heróis do Ringue**”, realizado ao longo do ano de 1959, no Clube de Regatas do Flamengo, transmitido pela, então, TV Continental, foi o grande marco, talvez até o nascimento e a consagração do **VALETUDO BRASILEIRO**.

Escolhido por Hélio Gracie para representar a Academia, João Alberto lutou todas as segundas-feiras, tendo vencido todas as lutas das quais participou.

Como lembra muito bem Carlos Eduardo Loddo, doutorando em Filosofia, ex-campeão de Tae-kwon-do, um dos mais argutos pesquisadores de artes marciais e admirador do bom caráter e da trajetória desportiva do Mestre João Alberto Barreto:

- *“A emergência do Valetudo como modalidade esportiva organizada foi um processo gradual, ocorrido no Brasil, ao longo da primeira metade do século XX”. Tal processo continuou por todo o século, sofrendo impulso especial, na década de 1950.*

O programa Heróis do Ringue, ao final daquela década, foi uma espécie de ápice desse desenvolvimento. “Para seu sucesso de um ano de programa semanal, foi crucial que tivesse havido um “herói do ringue” do quilate de João Alberto Barreto, à frente de diversos outros guerreiros de ponta, daquela era de ouro do Valetudo no Brasil”.

A contribuição de João Alberto vai além de tais experiências e reflexões. João foi o pioneiro de todos os intercâmbios entre o que se passava nos ringues e academias brasileiras e o resto do mundo!

Já na década de 1960, por conta do enorme sucesso que fazia, João Alberto foi convidado para ensinar aos *Marines* americanos, no Rio. O que resultou em outro convite para lecionar o Jiu-jitsu Gracie nos EUA, juntamente com o Mestre Flávio Behring, em academias militares e instituições policiais de elite (inclusive no próprio FBI). Experiência vitoriosa que lhe rendeu propostas para que se estabelecesse nos Estados Unidos, o que João Alberto não pôde aceitar para não atrapalhar seus estudos.

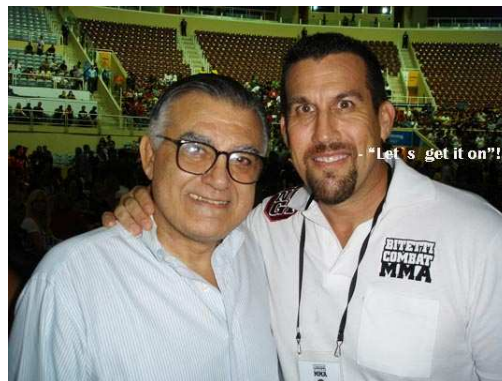
Quando o empreendedor Rócion Gracie foi para a América do Norte, Mestre João Alberto abriu-lhe algumas portas para lecionar em todas as unidades de elite por onde passara. O resultado desse empreendedorismo o mundo todo sabe e admira,

Róron (filho de Hélio Gracie) conseguiu transformar o jiu-jitsu e o Valetudo praticados no Brasil em verdadeiras febres mundiais.

Não sem motivo, portanto, João Alberto foi convidado para arbitrar o primeiríssimo evento internacional de Valetudo (ou MMA, se preferirem), então agora batizado como *UFC (Ultimate Fighting Championship)*, quando Royce Gracie encantou o mundo com o “Brazilian Jiu-Jitsu”, o Jiu-jitsu dos Gracie!

Sobre essa primeira arbitragem há episódio extraordinário cujo relato ouvi do próprio John Michael McCarthy (Big John), no Maracanãzinho, no dia 12 de setembro de 2009 (“Bitetti Combat MMA”). Mencionei essa passagem extremamente emblemática em crônica publicada na época:

- “Sou o que sou hoje graças ao Mestre Barreto, pois eu estava presente quando ele arbitrou a primeira luta desse tipo nos Estados Unidos. Fiquei tão impressionado que resolvi seguir aquele caminho, aquela profissão, tomando João Barreto, não apenas como exemplo técnico, profissional, mas, também, como exemplo de conduta humana”. (tradução livre).



Anos mais tarde, João Alberto abre novas portas, dessa vez no Japão, para onde levou lutadores brasileiros de ponta como Carlão Barreto (hoje brilhando como árbitro e comentarista) e Márcio Cromado (grande nome da luta livre, dirigente da RFT, hoje presente em todo mundo), para ficar em apenas dois grandes nomes.

Sua experiência como advogado e, sobretudo, como psicólogo e autor do livro “Psicologia do Esporte – para o Atleta de Alto Rendimento”, leitura obrigatória para todo lutador, permiti-lhe “leitura” muito acurada da dinâmica das lutas. O que empresta ao presente trabalho valor ainda maior.

De maneira até emocionada, João Alberto trata de resumir a sua longa e elogiável experiência *pugilística*. O resultado foi admirável, como facilmente perceberá o leitor, mesmo o mais laico. Mas, especialmente, o leitor-lutador que, por definição, tem como grande sonho ganhar o cinturão nos “octógonos” da vida e do mundo.

Pois, muito bem, como chegar até lá?

Sendo que o livro contempla ainda os que tentarão, mas não chegarão ao topo, considerando-os, mesmo assim e com toda razão, também campeões, posto que o importante é tentar sempre, procurando superar os próprios limites, rumo ao estrelato. Considerações - é bom lembrar mais uma vez - que servem como luva para os demais esportes. Dentro do pugilismo ou não.

A propósito, sempre generoso, João Alberto dedica espaço para elogiar a “nossa” Capoeiragem, especialmente na sua expressão Luta. E dela se beneficia, mandingueiramente, ousando afirmar, quando aplaude o pragmatismo de Charles Peirce e outros, mas sem perder de vista as críticas feitas por alguns extraordinários pensadores, como Bertrand Russell e Max Horkheimer. Críticas que, em grande medida, recolocam o apragmatismo na discussão. Uma contenda, aliás, que deveria ser levada para um octógono do pensamento filosófico ou para alguma alta roda de “papo-eira” onde a “ginga” (ou “negaca”) é entendida, dialeticamente, como um belo *Exercício sobre o Contraditório*.

Sobre tudo isso versa o livro de João Alberto Barreto, campeão nos ringues da Vida e do Mundo. Só cabendo a mim, para finalizar, agradecer a honra de escrever esse Prefácio.

*** André Luiz Lacé Lopes**

Participou, como aluno, da histórica experiência acadêmica realizada pela Fundação Getúlio Vargas, em Nova Friburgo, Rio de Janeiro (Ginásio/Colégio de Nova Friburgo!). Jornalista e Administrador, com Mestrado em Administração Pública (1970) pela Universidade de Syracuse, New York, USA. Sete livros publicados até agora, sendo quatro sobre Capoeiragem, sobre a qual já escreveu mais de quatrocentas crônicas e artigos publicados no Brasil e no exterior. Entre vários cargos e funções exercidos foi assessor e professor do Instituto Brasileiro de Administração Municipal, Superintendente Administrativo do Clube de Regatas do Flamengo, Diretor da Oficina de Assuntos da Juventude, da Organização dos Estados Americanos (OEA, Washington, D.C.), diretor-presidente da Adplan Juvesporte, consultor da Fundação Roberto Marinho (Área Esportiva) e Chefe de Gabinete da Secretaria Estadual de Esporte do Rio de Janeiro. Alguns prêmios na área da literatura.